



CARTA AO HOMEM ¹³⁰

por Maria Verônica Moreira Ramiro, Juíza de Direito do TJBA

Depois de tudo o que foi dito, eu também preciso falar com você.

Homem.

A marca que você precisa deixar no mundo não é a marca da dor.

Você não precisa apagar as pegadas de uma mulher para existir.

Não precisa interromper uma vida para afirmar a sua.

Quando um homem empunha uma arma contra uma mulher - muitas vezes a mãe de seus próprios filhos - aquilo não é força.

Aquilo é ruína.

É uma existência sórdida.

Uma existência sem grandeza.

Porque ninguém se torna maior destruindo alguém que um dia caminhou ao seu lado.

Uma mulher tem o direito de ir embora.

Tem o direito de escolher outro caminho.

Tem o direito de dizer: “eu não quero mais caminhar com você.”

Isso não diminui um homem.

O que diminui um homem é transformar a própria dor em violência.

É acreditar que o amor pode ser imposto.

Que o outro pode ser possuído.

Que a liberdade do outro é uma ameaça.

Não é.

A liberdade do outro é a condição para que qualquer amor exista.

E talvez exista também uma pergunta que poucos homens se fazem.

¹³⁰ **Como citar este texto:** RAMIRO, Maria Verônica Moreira. Carta ao homem. **Revista COCEVID**, v. 3, n. 1, p. 345–347, 2026.



Uma pergunta dura.

Uma pergunta que deveria ser feita antes de qualquer gesto irreversível:
que mundo você está construindo?

Porque muitos desses homens são - ou serão - pais.

Pais de meninas.

Meninas que caminharão pelo mundo desejando apenas aquilo que toda
mulher deseja:

viver.

Ser respeitada.

Ser livre.

Escolher.

E é impossível não pensar que alguns dos homens que tiram a vida de
mulheres são pais de meninas que um dia também poderão ser vítimas
dessa mesma chaga.

Que contradição profunda existe nisso.

Que tragédia moral existe nisso.

Por isso precisamos começar cedo.

Precisamos ensinar às crianças - às meninas e aos meninos - que o amor não
nasce da posse.

O amor é construção.

O amor é respeito.

O amor é escolha.

E a maior liberdade que existe na vida é poder dizer:

“é com você que eu quero caminhar.”

E também poder dizer, sem medo:

“não é mais.”

Que os meninos aprendam que perder não é humilhação.

Que as meninas aprendam que sua vida não depende de permanecer onde
não há respeito.



Que as escolas falem disso. Que as famílias falem disso. Que a sociedade fale disso. Incansavelmente.

Porque vidas estão sendo interrompidas.

E cada vida interrompida é um fracasso coletivo.

Hoje, neste 8 de março, enquanto as ondas continuam apagando lentamente as marcas na areia, fica um desejo simples: que homens e mulheres possam caminhar lado a lado.

Não por medo.

Não por imposição.

Não por dependência.

Mas por escolha.

Porque só assim a vida pode continuar deixando suas pegadas na areia do mundo.

E que nunca nos esqueçamos de algo essencial:

nenhum homem se torna maior tirando a vida de uma mulher - ele apenas diminui a própria humanidade diante do mundo inteiro.